

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo II



Cidade de Avignon, França ~ 1342

Era a Europa do século XIV e Avignon era o próprio coração da cidade. Império Cristão. Situada às margens do rio Ródano, Avignon era a Babilônia do Ocidente — a cidade fervilhava de comerciantes e adivinhos, bêbados e artesãos, soldados e embaixadores, Jezabels e ladrões. Altas muralhas circundavam a cidade, com o intuito de protegê-la de invasões externas. Com tanta gente aglomerada dentro de seus muros, o descarte adequado de esgoto se mostrava uma tarefa árdua, e um odor fétido pairava sobre a aglomeração interna como um véu invisível, porém bastante palpável.

Emergindo daquele mar de fedor, o Palácio *dos Papas* dominava a paisagem. Construído sobre uma rocha descartada pelo Império Romano, a imponente estrutura servia como pedra fundamental e trono pontifício da Santa Sé. O enorme castelo gótico era o maior existente. Era uma fortaleza maciça, semelhante a um dragão: muralhas fortificadas com quatro metros de espessura, completas com ameias, torres e seteiras. Toda a estrutura era cercada por muralhas de quatro metros de espessura, com ameias, torres e seteiras da formação estendia-se como um palácio duplo, ostentando dois pátios divisórios. Em suas alas: salões maciços, sendo o maior e mais significativo deles o consistório, conclave,

Salões de banquetes e de tesouros. Em suas entranhas: uma grande adega, abrigando aparentemente incontáveis litros de vinho extraído de hectares ondulantes de vinhedos papais e envelhecido em fileiras de imensos barris de madeira. Em seu coração: lareiras infernais, circulando dezenas de milhares de pães por dia e alimentando o tesouro babilônico de Avignon. O Palácio Papal era nada menos que um monstro medieval em proporções magníficas — a besta era colossal.

Dentro do palácio fervilhavam as entranhas da corrupção, da riqueza, da iniquidade enraizada, do poder e da grande autoridade, num movimento incessante de ondulação e contração. Invariavelmente, os corredores do castelo fervilhavam de cardeais e funcionários da Cúria, guardas papais e escudeiros, conselheiros e homens da lei, concubinas de olhares humildes, cavaleiros e seus senhores, dignitários visitantes e suas escoltas, incluindo parentes ilustres e artistas particulares do Pontífice.

Durante o pontificado do Papa Bento XII, vinte e quatro cardeais serviram no Colégio Cardinalício. Dentre eles, o Cardeal Blasi era o lobo ardente, detestado pela maioria dos demais. Um dos cardeais mais jovens, Jean-François Blasi, era um homem de boa saúde, alto e com uma cabeleira loira. Sua característica mais marcante, por si só perturbadora, residia em seus olhos: um claro olho castanho e um olho cego e leitoso, dignos do olhar do próprio diabo. Apenas alguns cardeais toleravam sua companhia fora de compromissos formais. Contudo, para Blasi, poucos eram tudo o que ele precisava — aqueles cardeais com influência suficiente no círculo íntimo para atender às suas necessidades. Em sua maioria, eram cardeais seniores que também serviam no Palácio Papal como supervisores.

Era prática comum em Avignon que cardeais de alta patente fossem designados para supervisionar diversas alas, salões, capelas e jardins do palácio. Durante anos, Blasi foi o supervisor da Grande Adega. O amplo espaço era um corredor subterrâneo, escavado em 1337, que se estendia por toda a ala que abrigava o Salão do Conclave, acima. Este enorme cofre subterrâneo abrigava centenas e centenas de barris de vinho envelhecido, onde alguns dos melhores vinhos da Europa estavam em processo de maturação. Blasi era responsável por praticamente todos os aspectos da produção, da uva ao barril, incluindo o armazenamento e a conservação subsequentes dos vinhos. Considerada uma função de grande importância, a vinícola era responsável por uma boa parte da receita anual do Papado.

Assim, em relação ao palácio, a maioria considerava Blasi o 'Cardeal dos Vinhos'. Além disso, todo conhecedor sabia que fazer amizade com Blasi era fazer amizade com a Grande Adega. O esguio e robusto Cardeal Raulin Toussain, supervisor da Despensa do Palácio e Boteillerie (o Armazém de Garrafas), e o cardeal Lilo Julin, muito obeso, porém delicado.

Mestre das Cozinhas e do Salão de Banquetes, havia dois que se consideravam epicuristas e cada um deles havia feito questão de cultivar a amizade do Cardeal dos Vinhos. Blasi sabia muito bem por que esses dois o cortejavam, mas, mesmo assim, havia entre eles. No mínimo, um evidente espírito de camaradagem.

Ao contrário do muito maior Colégio de Cardeais, o Conselho dos Apócrifos era composto por apenas três Cardeais: Hadour Xavier, conselheiro sênior; Avit Basiliste, o mais velho e frágil; e Edmard Lean, o mais jovem e recém-nomeado. O serviço do Cardeal Xavier terminou com a descoberta de seu cadáver nu e decapitado. Um jovem camponês encontrou seus restos mortais em um matagal à beira de uma estrada a oeste de Avignon. Espalhados pela vegetação ao redor, jaziam os restos mortais de seus guardas, seus corpos igualmente profanados. Seu assassinato permaneceu um enigma. Antes que os rumores sobre os assassinatos se dissipassem, o Papa Bento XVI também morreu. Embora vários cardeais insistissem que Bento XVI havia sido envenenado e que a série de assassinatos fazia parte de uma conspiração política maior, tais especulações nunca foram comprovadas. Blasi era o mais próximo dos vinhos papais — e um tirano, para completar — muitos o suspeitavam do envenenamento, mas ninguém ousava confrontá-lo por seu temperamento explosivo.

Menos de duas semanas após o funeral de Estado de Bento XVI, o Conclave, dominado por franceses, elegeu às pressas outro francês, Pierre Roger de Beaufort, o quinto na linha de sucessão ao Papado de Avignon. De Beaufort foi batizado como Clemente VI. A maioria das autoridades habituais estava presente na eleição: os cardeais do Colégio e do Concílio, o Secretário-Geral, o Vigário-Geral e Vice-Regente, os principais oficiais papais do Reino de Nápoles, os bispos mais ilustres e toda a comitiva de corte era necessária uma assembleia. Um enviado de Filipe VI de Valois, Rei da França, estava notavelmente ausente, tendo chegado tarde demais para comparecer à cerimônia.

O poder desta eleição residia abertamente no *Colégio Cardinalício*. No entanto, poucos homens vivos sabiam que o verdadeiro poder de persuasão pontifícia estava nas mãos de apenas alguns — nomeadamente o *Concílio dos Apócrifos*. Ao longo dos séculos, o Colégio Cardinalício evoluiu o seu papel para o de um órgão eleitor da Igreja, a serviço do Santo. Veja, de maneira muito semelhante à forma como qualquer órgão parlamentar serve à sua organização geral. Em contraste, o Concílio dos Apócrifos era um pequeno órgão papal, velado e propositadamente não registrado, que exercia uma autoridade que rivalizava facilmente com a do Colégio, os Cardeais de Os Apócrifos não sofreram domínio algum, exceto o de Deus, e eram responsáveis apenas perante o Seu representante escolhido na Terra — o Santo Padre e o Papa.

Os Apócrifos eram compostos por dois níveis distintos: os Conselhos Superior e Inferior.

O Conselho Superior era composto pelo Papa e pelos cardeais por ele nomeados, que, por sua vez, supervisionavam os abades e monges do Conselho Inferior. Desde a sua criação, a composição deste Conselho variou entre sessenta e sessenta e seis membros, cada um nomeado pelo Conselho Superior. As nomeações para o Conselho eram vitalícias; novos membros assumiam o cargo apenas após a morte de um membro nomeado anteriormente. Dois dos três cardeais originais do Conselho Superior — Basiliste e Lean — residiam em Avignon, em uma vila chamada Château Rouge. No entanto, os membros do Conselho Inferior estavam divididos igualmente entre dois mosteiros remotos e de igual importância no interior da França e da Itália. Eram eles a *Abbaye des Gardiens* (Abadia dos Guardas), localizada nas colinas da província de Auvergne, na França, e o *Monastero del Cancellò* (Mosteiro de Cancellò), situado nas remotas montanhas da província da Úmbria, na Itália.

A Abadia de Gardiens, do Conselho Inferior, estava sob a direção de seu abade residente, Vonig, enquanto o Mosteiro de Cancellò, na Itália, estava sob a direção de seu abade residente, Domingus. Ambos os abades do Conselho Inferior respondiam apenas aos cardeais do Conselho Superior, que, por sua vez, respondiam em segredo e exclusivamente ao Papa. Esses mosteiros isolados se consideravam beneditinos, mas não eram governados de acordo com a *Regra Monástica Beneditina*. Eles haviam criado uma ordem própria, que não era beneditina, nem franciscana, nem cisterciense. Durante séculos, esses mosteiros permaneceram separados da regra monástica e ficaram sob o controle exclusivo do Conselho dos Apócrifos. O Conselho e seus dois mosteiros, com seu estimado círculo de servos, eram exteriormente uma espécie de 'espírito santo', que guardava o esqueleto mais horripilante do Gabinete Papal. No entanto, poucos segredos escaparam a Lucifael — os do Concílio, em particular.

Assim, enquanto Lucifael devastava a Ásia com seu hálito mortal, ela também se ocupava com a Europa, enganando duas de suas nações. Através do casamento, França e Inglaterra cruzaram linhagens reais. Em suma, um rei morreu e a Inglaterra tinha direito legítimo à França — o diabo estava nos detalhes. Não obstante, os reinos entrelaçados se viram em um impasse e o sino tocou. E assim, eclodiu a *Guerra dos Cem Anos*. A primeira dessas batalhas, aquela que se provaria a mais horrível da história, ocorreu em solo francês e seria para sempre chamada de sangrenta Batalha de Crécy. Muitos testemunhariam os horrores que se abateram sobre aquela tarde abafada de agosto.

Crecy-en-Ponthieu ~ Norte da França ~ agosto de 1346

Apenas os resquícios da tempestade permaneceram. Trovões ecoaram para o oeste, acompanhados de relâmpagos.

A tempestade se alastrou pelas colinas distantes. Um corvo negro e luminoso pousou entre os galhos retorcidos pelo vento de um carvalho, perturbando algumas folhas amassadas. Suas pupilas negras dilataram e contraíram, frias e mecânicas, como se alguma máquina controlasse seus olhos negros. O corvo balançou a cabeça e grasnou para a nuvem de tempestade que se afastava duas vezes, e depois novamente. Abaixo do alto do carvalho, uma coluna de soldados franceses avançava por uma estrada lamacenta e esburacada.

Os franceses — a maioria camponeses cujas mãos estavam mais acostumadas a manejar machados e forcados do que espadas — marchavam para a guerra pelas colinas encharcadas do norte da França. Seu recém-coroadado rei, *Filipe VI*, havia dito àquele "cão" inglês, *Eduardo III*, que a França jamais compartilharia o trono com a Inglaterra, ou com qualquer outro país. A França, decretou Filipe, era soberana, e seu trono pertencia somente a ele. Respondendo à pretensão arrogante de Filipe com um acesso de fúria, e determinado a destroná-lo, Eduardo abriu caminho pela França, incendiando aldeias inteiras em seu rastro. Ele estava decidido a infligir danos suficientes para forçar a queda de Filipe — dentro de suas próprias fileiras. Quando a notícia do ataque audacioso de Eduardo chegou a Filipe, ele reuniu muitos dos lordes franceses para marchar contra o invasor.

O apelo de Filipe às armas foi tão forte que Eduardo, agora confrontado pela enorme força francesa nas planícies acima de *Crécy-en-Ponthieu*, recusou-se a enfrentá-lo e fugiu para o norte em direção a Calais. Os franceses estavam confiantes e previam uma vitória rápida. O exército de Filipe era enorme, composto pelos exércitos de muitos senhores — mesmo que formado principalmente por camponeses, era maior que trinta e cinco mil homens e superava em número os ingleses. três homens para um. Os senhores franceses e seus cavaleiros, no entanto, distinguiam-se facilmente da multidão de camponeses e comerciantes: os primeiros, bem montados, carregando estandartes e revestidos de pesadas armaduras, tinham a postura altiva de nobres e a determinação austera característica de soldados veteranos.

Espadas longas, maçãs e escudos tilintavam contra montarias blindadas; fileiras de lanças oscilavam entre as colunas ordenadas de soldados de infantaria; carroças com bestas avançavam pesadamente sobre o terreno acidentado. Milhares de selas rangiam; mil cavalos bufavam e batiam os cascos no chão. Gritos de ordem eram transmitidos de fileira em fileira enquanto grupos de homens cantavam canções do campo e colheitas que haviam deixado para trás. No ar úmido de agosto, os sons da guerra faziam um réquiem para os homens que marchavam a passos largos em direção ao seu destino. Embora os soldados fossem arrogantes — presumindo a perspectiva de uma vitória rápida e decisiva e a captura de muitos prisioneiros ingleses — neles corria uma inquietação semelhante à de porcos ariscos na véspera da batalha. massacre. O estado de espírito compartilhado revelava um nível distinto de nervosismo, gerando mais uma premonição incorpórea do que qualquer avaliação concreta — uma consciência vaga, porém profundamente perturbadora, que percorria o âmago do ser — uma sensação de desgraça iminente.

Até mesmo os cavalos de batalha discerniram a essência daquilo; contudo, o mesmo corvo negro luminoso, empoleirado bem acima do campo de batalha no carvalho retorcido, compreendeu-o melhor do que ninguém. Tudo — era a presença invisível do próprio Diabo e, em sua companhia, outro anjo pronto: a *Morte*.

Em meio à coluna de soldados, dois cavaleiros com armaduras pesadas e cavalos também blindados avançavam lado a lado. Sobre suas couraças, pendiam gibões sem mangas com emblemas idênticos bordados. As mesmas insígnias decoravam seus cobertores de sela e escudos. Os cavaleiros cavalgavam sob o estandarte do Senhor Amelet de Laon. Eles eram irmãos. Separados por seis anos, ambos ostentando o brasão e o distinto sobrenome Blasi. Jean-Jacques e Jean-René eram os mais novos dos três irmãos Blasi; o mais velho deles era Jean-François.

Ao contrário de Jean-Jacques, um homem desinibido, Jean-René vivia com sua esposa, Alsaie Blasi, e seu único filho, Michael Blasi, em um castelo na prestigiada propriedade Blasi, localizada nos arredores ao norte da cidade de Reims. Além da propriedade, Jean-François residia em um grande castelo de propriedade papal, o Château Rouge, em Avignon. Ele dividia o castelo de dois andares com vários outros dignitários papais, cujos luxuosos apartamentos ficavam sob o mesmo teto.

Jacques mordeu o último pedaço de maçã e atirou-o no capacete do irmão. O caroço atingiu a viseira levantada de René, fechando-a com força. René a ergueu rapidamente, revelando uma expressão amarga, mas mantendo o olhar fixo à frente. Jacques riu e inclinou-se sobre o cavalo para observar melhor a expressão teimosa do irmão.

“Vamos lá, René”, disse o jovem com um sorriso. “O riso eleva o espírito antes da batalha. Eu não sou o *Rei Eduardo, Le Petit!*” Jacques tirou uma maçã fresca de uma bolsa que carregava ao lado.

René respondeu friamente: “Os homens não estão preparados para o ataque. Estão cansados da marcha.”

“Vou expulsar os ingleses para o mar!”, proclamou Jacques, erguendo a maçã bem alto. “Vou enfiar uma maçã na boca de Edward e arremessá-lo de volta para o outro lado do mar. E já que sou seu bondoso irmão, René, vou capturar um escudeiro inglês para você”, acrescentou com uma risadinha antes de dar uma mordida na maçã.

“Eles devem se posicionar defensivamente e estar preparados para o ataque”, afirmou René.

“Elas estarão cansadas como menininhas”, retrucou seu irmão. “Elas viram dias de batalha.” Eles lançarão suas armas em sinal de rendição ao avistarem nosso número.”

“Eles não se renderão. Tanto Edward quanto seu Príncipe Negro estão com eles. Eles os defenderão até a morte — você fala tolamente.”

“Eles estão cansados”, insistiu o mais jovem. “Eles vão se render. Você é o tolo, René. Eu lembrarei ao tolo quem ele é, depois da batalha; se é que haverá uma.”

“Você tem ordens, Jacques. Você deve cumpri-las, assim como eu. O marechal de Sua Majestade ordenou que todas as bandeiras sejam recolhidas até que os homens estejam descansados após um dia de marcha.”

“Olhe em volta, René. Olhe nos olhos deles — no espírito deles! Eles não vão descansar. O sangue deles está fervendo. Eles vão atacar; mesmo contra as ordens”, respondeu Jacques.

“Muitos desses homens nunca provaram o gosto da batalha como nós”, lembrou René. “E estamos presos a ordens — de Lorde Amelet, cujo estandarte tremula em nome de Sua Majestade”, cuspiu René .

“Temos ordens para descansar. Não devemos avançar contra Eduardo até que recebamos a ordem para avançar.”

Os dois homens observaram o exército que se movia lentamente, enquanto um breve silêncio se instalava entre eles. A coluna parecia estender-se infinitamente pelo terreno irregular, à frente e além deles. Jacques virou-se para René, com o rosto contorcido de desgosto, e disse ao irmão: “Se estes homens simples arriscam suas vidas contra os ingleses, a maioria sem escudo ou armadura, então eu também cavalgarei e os defenderei. Fiel à França, assim será qualquer cavaleiro. Servimos à França — estes homens são a França, e eu os defenderei!”

“Permita-me lembrar-lhe, caro irmão, que você fez um juramento, sob pena de morte se o quebrasse. E você poderia para sempre desonrar a Casa de Blasi. Este dia afetará profundamente *todos* os Blasi, para o bem *ou* para o mal.”

Jacques olhava fixamente para a frente, como se não tivesse ouvido René.

“Então que se dane você, Jacques” , rosou René, abaixando a proteção facial com um estalo.

Por fim, Jacques perguntou: “Você também vai cavalgar com a França?”

René ergueu a viseira e respondeu: “Você perdeu todo o equilíbrio, Jacques.”

Jacques fez uma careta e repetiu a pergunta: “Você vai?”

“Você não é nenhum cavaleiro — talvez um bobo da corte.”

“Então, queres?”

“Não confessarei a Jean-François que não estive ao lado de seu irmão insensato na batalha.”

“Sim”, disse Jacques. “É como ele disse: a cruz anda conosco, ou com nenhum de nós.”

“De fato”, suspirou René. Virou-se para Jacques e o repreendeu. “Você não me deixa muita escolha. Você gosta disso, não é?” A carranca de René se desfez e um sorriso seco surgiu em seu lugar. “Tenho que cavalgar com *Le Bouffon de France*. Que assim seja.”

Jacques deu uma risadinha e se inclinou para o irmão. “Olhe ao seu redor. Eu conheço o coração dos homens, René, assim como você. Esses homens não descansarão até jogarem *Le Petit* ao mar. A vitória já é nossa. Em breve, teremos a cabeça de Eduardo — e seu trono. Mostre-nos o nosso

Cruz do Cardeal Irmão , para que possamos avançar rumo à vitória.”

Jogando a maçã de lado e tirando o capacete, René puxou uma fina corrente de ouro debaixo da couraça. Ela sustentava o peso considerável de um crucifixo cravejado de pedras preciosas que pertencera a seu irmão mais velho, Jean-François Blasi, e que fora abençoado pelo próprio Papa Bento XII. François insistira que René e Jacques o carregassem consigo em todas as batalhas. Como o momento ditava, era a vez de René usar a cruz de Blasi. Essa era uma das razões pelas quais René se sentia compelido a se unir ao irmão. Se Jacques atacasse: Ele não deixaria seu irmão enfrentar a morte sozinho, sem a cruz. Nem deixaria o exército francês lutar sozinho, por mais toalmente que estivesse unido. Aos seus compatriotas e ao seu irmão, ele era igualmente dedicado, ainda que de maneiras diferentes; a ambos ele defenderia — a ambos ele honraria. René se inclinou sobre a lateral. Desmontou do seu cavalo e entregou a cruz a Jacques. Jacques beijou o metal frio, inclinando ligeiramente a cabeça em reverência. Um estrondo de trovão ecoou pelo campo. Jacques riu e acolheu-o como um bom presságio. Acima deles, nos ramos de um carvalho robusto, o Um corvo luminoso agitou-se com o bater de suas penas. Alçou voo de seu poleiro em direção ao horizonte noroeste, rumo aos exércitos ingleses.

“Em nome do Altíssimo Senhor e de São Denis”, murmurou Jacques com severidade impenetrável. René endireitou-se em seu cavalo e repetiu a mesma reverência. Devolveu o crucifixo ao seu lugar sobre o peito e colocou o capacete. Soldados a cavalo corriam pela coluna de exércitos, gritando: “Preparem-se! Preparem seus “Armas!” A coluna avançou.

O exército de Filipe alcançou Eduardo, que agora não tinha muita escolha a não ser virar e lutar. O rei inglês alinhou seus cavaleiros e lanceiros em uma colina ampla perto da vila de Crécy, com arqueiros posicionados atrás e à frente deles, e camponeses aguardando ao lado de mais cavalos na retaguarda. Eduardo comandava suas tropas de dentro de um moinho de vento ocupado no topo da colina.

Em pouco tempo, enquanto voava para nordeste, o corvo agitado e em pleno voo cobriu uma extensão de terra grosseiramente arada e mergulhou em um matagal isolado, escondido por uma pequena elevação. A aparência luminosa da ave iluminou intensamente entre os cardos e teixos, seu grito áspero assustando um jovem arqueiro inglês que estava urinando ao abrigo do vento. "Um mau presságio em um dia ruim", sussurrou o arqueiro, encarando o corvo — e pareceu que a ave o viu, o viu por dentro e através dele, e seu olhar sobrenatural penetrou sua alma. Ele caiu de joelhos, agarrando a cabeça como se tentasse impedir que ela explodisse. Respirou fundo e gemeu, desabando no chão antes de morrer. O páss

gritou e esvoaçou-se descontroladamente antes de também cair para a morte, mergulhando na vegetação rasteira em uma convulsão emplumada.

Os olhos do arqueiro morto se abriram de repente. Ele se ergueu do chão e examinou o ambiente ao redor. Oco. O branco dos seus olhos estava desbotado — brilhante e negro como as penas de um corvo. Ele pegou um arco longo, que estava encostado no tronco de uma árvore e, com uma aljava cheia de flechas pendurada nas costas, saiu do bosque mais cheio do que quando entrou. Mesmo com a bexiga vazia, seu coração estava transbordando — transbordando com a maldade negra que fervilhava em seu peito inerte. Ele atravessou a mata fechada e se deparou com uma formação rígida de quase mil arqueiros flanqueando quinhentos homens de armas. A formação estava posicionada no topo de uma ponta com vista para um vale raso a leste. Ao redor deles e a oeste, milhares de outros soldados aguardavam em dois quadrados perfeitos. O arqueiro tomou seu lugar entre as fileiras.

Exatamente como Jacques Blasi havia previsto, o exército francês lançou-se impetuosamente na batalha antes que seus comandantes pudessem contê-los. No vale, uma massa desorganizada de homens de armas, lanceiros, besteiros genoveses e cavaleiros franceses a cavalo, gritando, avançou em direção à crista ocupada pelos ingleses. Não havia ordem na confusão; os homens derrubavam-se uns aos outros em sua sede de sangue, e alguns até se empalavam. eles mesmos nas espadas por suas próprias mãos ineptas.

Do lado inglês da colina, o soldado de alma vazia passava entre longas fileiras de arqueiros que empunhavam arcos longos, prontos para disparar.

“Firme! Pare!” , trovejou uma voz de autoridade.

Os arqueiros sobreviventes, ao verem a escuridão em seus olhos, recuaram em massa, suas fileiras se dispersando como o Mar Vermelho que se abre.

Atônitos, os homens cochichavam entre si: "Saíam da frente! Ele é o próprio diabo!" Ninguém se mexeu para impedi-lo enquanto ele se virava entre as fileiras e marchava pela colina, deixando os ingleses e sua posição para trás.

“Arqueiro! Retorne ao seu posto!” Uma ordem estrondosa veio de trás das fileiras.

A voz era a de Lorde Clifford, segura em seu poder de comando, mas o arqueiro manteve seu curso lento e firme pela colina. Atrás da formação inglesa, o céu cinzento O céu cedeu e o sol da tarde atravessou as nuvens. Com o sol às costas dos ingleses, as forças francesas que se aproximavam ficaram cegas.

De sua posição entre seus próprios arqueiros, o Conde de Warwick e Oxford chamou:

“Lorde Clifford, devolva seu arqueiro! Lordes, mantenham seus homens em posição!”

O Arqueiro Diabólico retirou uma flecha da aljava e, sem interromper o passo, a engatilhou profundamente em seu arco longo. Seus olhos negros estavam fixos em dois pontos brilhantes perto do fundo do vale.

“Arqueiro! Retorne ou será abatido pelas costas”, ordenou Lorde Clifford. O arqueiro continuou descendo a colina, sua figura escura destacando-se sinistramente contra o caos da batalha. Franceses avançando. Clifford fez seu cavalo avançar, seguido por seu porta-estandarte. Ele parou ao lado de um dos arqueiros, rosnando ordens para que o guerreiro solitário largasse ali mesmo .

"Por trás, meu senhor?" perguntou o arqueiro, inquieto.

"Ordeno que avance e derrube aquele homem! Faça isso agora, arqueiro!", sibilou Clifford, gesticulando furiosamente em direção à figura que recuava.

“Sim, meu senhor.” O arqueiro curvou-se e moveu-se para uma posição clara. Puxou a flecha, testou o vento e lançou a flecha de ponta arredondada pela encosta. A flecha voou reta e veloz, perfurando as costas do homem sem alma e saindo do centro do seu peito. O arqueiro empalado hesitou por um instante, depois virou-se para encarar a encosta. Os soldados ingleses viram apenas um borrão quando o morto se virou para encará -los — talvez como se os saudasse. Ninguém viu a flecha voar do arco e subir a encosta — ninguém viu aquela flecha perfurar o olho do jovem arqueiro de Lorde Clifford. Só quando o arqueiro caiu no chão é que viram a flecha de penas negras saindo de sua cabeça. O Arqueiro Diabólico virou-se e continuou pelo campo, para dentro da clarão estrondosa da carga francesa.

"Deixem-no ir!" Clifford cuspiu as palavras, encarando o morto-vivo. "Arqueiros, encontrem seus alvos! Estejam prontos ao meu sinal!"

No entanto, todos os olhares estavam voltados para a criatura que continuava caminhando impassível em direção ao inimigo francês que se aproximava, alheia à flecha que lhe atravessara o torso.

O estrondo de um canhão inglês primitivo ecoou pelo campo, assim como a primeira chuva de flechas. A chuva de flechas caiu sobre os franceses que avançavam. Homens e cavalos tombaram sob o ataque, para desespero dos franceses. As hastes das flechas tinham pontas de ferro tipo bodkin, uma novidade em batalha. As pontas bodkin eram longas e pesadas, de ferro, capazes de cortar armaduras. Os arcos longos ingleses eram esculpido em madeira de teixo densa e equipados com cordas de cânhamo resistentes que exigiam uma força de tração de cem libras ou mais, e lançavam essa nova e devastadora flecha com uma força incrível. A armadura de metal dos cavaleiros franceses pouco os protegia.

Vendo seus homens em desordem e caindo apressadamente, Filipe ordenou que voltassem e se reagrupassem. Eles ignoraram a ordem, avançando por ele e correndo pelo vale como loucos. Os besteiros genoveses se viram sob uma chuva de flechas de arco longo.

Longe dos ingleses, eles largaram seus arcos e fugiram. Ao ver isso, o irmão de Filipe, o Conde D'Alencon, ordenou que fossem mortos. Assim, aconteceu que, naquele dia, mais genoveses caíram em batalha pelas mãos de seus camaradas franceses do que pelos invasores ingleses. exército.

O arqueiro sem alma caminhava sozinho pelo campo de batalha revolto. Homens e cavalos obedeciam à sua ordem. O terror instintivo que aqueles olhos negros inspiravam impedia qualquer um de se aproximar do arqueiro, que se movia com aparente indiferença à flecha que o atingira. Ele sacou outra flecha da aljava em suas costas, armou-a e a soltou num movimento preciso. A quase trezentos metros de distância, a flecha atingiu o chão entre os membros dianteiros do cavalo de Jean-Jacques Blasi . Dois virotes de besta genovesa encontraram seu alvo nas costelas do arqueiro morto e um terceiro atravessou sua coxa. Contudo, seu olhar negro jamais se desviou do alvo, e as flechas não o detiveram, nem mesmo diminuíram o ritmo de sua mão. Outra flecha partiu de seu arco antes mesmo que a primeira parasse. Esta não errou. Ela rasgou o colarinho da armadura de Jacques e perfurou seu pulmão esquerdo. Ao cair do cavalo, outro virote cortou o céu; ao seu lado, René ouviu um estalo desolador quando sua própria montaria desabou sob seus pés. Uma flecha com penas negras sobressaía entre os olhos do animal. Mas o arqueiro morto não era imortal. Mesmo quando disparava outra flecha, um virote de besta perfurou sua garganta e ele finalmente caiu no chão. René saltou de pé e correu até seu irmão. Soldados passavam por eles gritando, sua investida descontrolada.

René levantou a proteção facial de Jacques , ergueu sua cabeça do chão e a aconchegou na dobra do braço. Seus olhos se encheram de lágrimas; ele sabia que Jacques não deixaria aquele vale. **VIVO.**

“Não, René”, disse Jacques, com o rosto oscilando entre sorrisos forçados e agonia expressa. “Caí com honra.” Ele tossiu, expelindo o sangue que borbulhava em sua respiração. “Desejo ... abraçar nossa cruz... uma última vez.”

René arrancou o capacete, ergueu o queixo e puxou a corrente do pescoço até que o crucifixo se desprendesse de sua couraça. Ele o manuseou às pressas, levando a cruz até seu leito de morte. Os lábios do irmão . Jacques os beijou e sorriu.

“René, quando matares Eduardo, pede ao grande *Jean-François de France* que reze por mim.”

Ele sussurrou: "Jure."

“Pela minha honra, Jacques. E eu também rezarei por você, até que me falte o último suspiro.”

René respondeu com uma risada e um mar de lágrimas. Essa era uma piada antiga entre os irmãos — o título tolo com o qual zombavam de seu irmão "excessivamente sério". Irmão mais velho: François de France. Enquanto René empurrava a cruz de volta para debaixo de sua couraça, seu irmão suspirou e morreu em seus braços.

Do outro lado do vale, o Arqueiro do Diabo se mexeu. Seu trabalho ainda não estava terminado. Uma grossa flecha de besta que jazia alojada em sua coxa se quebrou com um estalo horripilante quando ele rolou e se levantou de joelhos. Uma chuva de flechas atingiu sua armadura leve, mas seu sangue não jorrou; ele preparou uma flecha e a disparou. René ergueu o rosto para o céu, lamentando-se em dor e desafio, enquanto sua própria morte voava em sua direção em asas negras. A flecha do inferno rasgou o céu da terra como uma alma condenada. Ela atingiu René pelo céu da boca, perfurando seu cérebro e fendendo seu crânio. Ele não gritou mais. Seu corpo caiu sobre o do irmão morto, com uma expressão de horror no rosto contorcido e ensanguentado. Seus olhos arregalados não viram a flecha genovesa que atravessou o crânio do maldito arqueiro. O arqueiro caiu e não se moveu mais.

A força inglesa era composta por aproximadamente doze mil homens, mais da metade deles arqueiros. Os homens de armas posicionavam-se, centralizando dois flancos de arqueiros, formando um "V" preciso de cerca de mil e oitocentos metros de comprimento. A força francesa contava com trinta e seis mil homens. Onda após onda — quinze ao todo — de cavaleiros investiam contra o funil de flechas inglês, apenas para se amontoarem sobre seus mortos e sobre os que morriam à sua frente. Entre os besteiros genoveses em fuga, com o sol cegando seus olhos, e os gritos descontrolados dos camponeses inexperientes no campo de batalha, as forças francesas começaram a recuar em completa desordem. O campo de batalha jazia crivado de flechas inglesas que se destacavam entre os homens e animais mortos como hastes rígidas de cevada. Em apenas dez horas, quase meio milhão de flechas inglesas choveram do alto da colina e mais de seis mil franceses e genoveses tombaram mortos. Certamente, era uma dança do diabo — e uma valsa perversa.

A hora das bruxas havia chegado quando Filipe, ferido, recuou. Ele não teve outra escolha senão abandonar seus feridos onde jaziam. Dois reis, aliados de Filipe, haviam caído no horrível massacre; um deles era o rei cego João da Boêmia. Filipe não tinha outra alternativa senão a retirada. Contudo, Eduardo não fez prisioneiros. À meia-noite, seu filho, o Príncipe Negro de Gales, moveu-se sob o manto da escuridão e, com longas facas, seus homens degolaram os feridos. Ao todo, seiscentos e seiscentos franceses e apenas algumas centenas de ingleses morreram na batalha. Foi uma batalha na qual Lucifael esteve envolvida demais desde o início. O mérito era inteiramente dela; ambos os reis, Eduardo e Filipe, eram meros peões em seu jogo muito maior. Ela era a rainha reinante e, sem saber, dois reis tolos duelavam como bobos da corte diante dela.

Após a batalha, Filipe cedeu. Com a ajuda de dois cardeais de Avignon como conciliadores, uma trégua entre a França e a Inglaterra foi rapidamente estabelecida. Eduardo manteve a ocupação de Calais e Filipe ficou desesperado. Os ingleses haviam eliminado a cavalaria de sua cultura.

As regras da batalha. Combate corpo a corpo, confronto direto — uma batalha que coloca um contra o outro. A habilidade, o poder e a coragem de um homem contra o de outro foram substituídos por algo que equivalia a atacar o inimigo pelas costas com uma lança. O arco longo inglês foi um tapa na cara da classe dos cavaleiros. Embora os cavaleiros franceses o desprezassem — rotulando-o como pura covardia —, o combate à distância provou ser altamente eficaz para exércitos menores, como o de Eduardo. E com a intervenção de Lucifael, a arte da guerra mudou e o crepúsculo caiu sobre os dias de glória da cavalaria.

Em desespero, Filipe considerou buscar a ajuda da Santa Sé e de seu vasto número de sacerdotes instruídos. Contudo, ele precisava de mais do que orações. Precisava de recursos financeiros e de uma contra-medida eficaz para a nova arma inglesa: o arco longo de disparo rápido e sua flecha perfurante. Precisava de novas estratégias para neutralizar as táticas pouco cavalheirescas empregadas pelos ingleses. Buscava aquela contra-arma decisiva e a contra-estratégia definitiva que pudessem expulsar Eduardo de Calais e fazê-lo recuar para o outro lado do Canal da Mancha. Não obstante, Lucifael agia contra todos os tronos, com amarga ambição, como uma rainha injustiçada, mas aparentemente sempre dominante. O trono da Santa Sé e o Palácio Papal de Avignon não estavam imunes. O Papa, o Colégio de Cardeais e os Cardeais Apócrifos eram todos presas iguais em seu jogo. E dentro de todos eles, ela tecia sua teia.

Château Rouge ~ Cidade de Avignon ~ Abril de 1347

O Château Rouge de Avignon servia de residência vigiada para vários cardeais do colégio. Um guarda de serviço na entrada dos fundos do castelo mexeu os pés — a dor aguda estava no calcanhar esquerdo. Procurou na bota, mas não encontrou nenhum prego saliente; nenhum espinho ou farpa dentro dela. Contudo, sentiu-a novamente: uma picada como uma pequena adaga perfurando seu calcanhar. Aquilo não lhe dava sossego. Observou o chão seco. Ninguém emitia som naquela hora tardia. Com um olhar furtivo em direção à entrada arqueada de seu posto, o guarda adentrou o arbusto que ladeava as grossas paredes de pedra do castelo. Apalpou os bolsos, esperançoso, e sorriu ao encontrar uma folha de papel dobrada no bolso do colete. Encostando-se na parede, desamarrou a bota e enfiou o papel dentro dela. Estava amarrando os cadarços quando a longa sombra de uma figura encapuzada se projetou sobre ele. Em pânico, endireitou-se às pressas e quase caiu.

“Guarda. Você não está em seu posto”, disse o padre em voz baixa. “Por quê?”

O guarda caminhou em direção ao arco, com uma expressão contrariada, e a figura sombria também se moveu para bloqueá-lo. “Ouvi um barulho, frade”, gaguejou ele. “Eram apenas galos empoleirados. o mato.”

“Ah, galos empoleirados. Entendi.” Com melhor iluminação, o soldado viu o padre como alto e bastante

Robusto, com cabelos negros e abundantes. Parecia estar observando as pedras da calçada, quando seus olhos escuros percorreram o rosto do guarda, penetrantes como adagas. "Você persegue galos cacarejando com uma bota desamarrada?"

"Não reparei nisso, frade."

"Ah, entendi. Você não reparou nos cadarços soltos." A voz suave era uma estranha contradição. Aos olhos faiscantes, o guarda rangeu os dentes. "Mostre-me suas ordens, guarda." Neste instante."

Pego de surpresa — ele vinha se perguntando quando aquele padre perturbador o deixaria cumprir seu dever — o soldado, a contragosto, curvou-se e tirou a bota. Retirou o curativo improvisado e ofereceu-o ao padre.

"Na sua bota desamarrada? Ah." O padre desdobrou o papel e ficou debaixo de uma tocha na parede para lê-lo. "Por que suas ordens estão na sua bota, guarda?"

O guarda confessou tudo. O padre sorriu com desdém e, devolvendo as ordens dobradas, disse: "Então parece que suas ordens são melhor cumpridas quando desrespeitadas. Que tal mantermos essa confissão entre nós?"

"Se me permite, frade. E como posso ajudá-lo, frade... hum..." o guarda hesitou em pronunciar o nome do padre .

"Sevallye—Arcebispo Lou Sevallye—aqui por encontro marcado pessoalmente com o Cardeal Jean- François Blasi."

"Vou chamar o mestre de armas. Ele pode providenciar uma escolta." O guarda começou a se afastar, mas o sacerdote agarrou seu ombro com um aperto doloroso.

"Vejo pelas suas ordens que você é novo neste posto", sussurrou o sacerdote. "Imagino que não queira manchar sua reputação? Não preciso esperar por escolta; já estive aqui muitas vezes. Encontrarei meu próprio caminho."

O soldado, que de fato era um recruta inexperiente e, além disso, não estava nada apressado, sentiu uma névoa cair sobre sua mente. Era imperativo que ele obedecesse às suas ordens; contudo, permitir que um estranho...

Entrar no castelo sem escolta? Uma negligência impensável do dever, porém, era igualmente imperativo que ele obedecesse à voz suave — e à ordem nos olhos brilhantes.

"Os visitantes são acompanhados. Eu preciso—"

"Será possível", interrompeu o padre, "que eu não tenha notado você fora do seu posto? Será igualmente possível que você não tenha me notado entrar? Escute-me, guarda; considere-me apenas mais um galo quieto no poleiro. Já é tarde — estou cansado. Entende o que quero dizer?" Desviando o olhar, o guarda respondeu: "Entendo , como você disse. Eu não o conheço."

Nem eu te vi."

"Uma mentira feita com boas intenções não é uma má ação. Muito bem. Farei com que o favor seja triplicado ", disse o padre, dando um tapinha no ombro do guarda com um sorriso zombeteiro que o soldado não viu.

Ele desapareceu sob a entrada em arco e vagou pelos corredores silenciosos de

o castelo. O padre chegou a uma esquina, e ao contorná-la, suas feições e vestes estavam mudou abruptamente, metamorfoseou-se numa forma completamente diferente. Em vez de uma túnica, ele Vestia a armadura de batalha de um cavaleiro francês. Em seu peito, brilhavam joias douradas e cravejadas de pedras preciosas. Cruz de Blasi. Ele virou outra esquina e caminhou placidamente através de uma parede de pedra, o rosto revestido de armadura se fundindo com as pedras maciças sem emitir um som.

No quarto do Cardeal Jean-François Blasi, uma tapeçaria pendurada na parede tremulou brevemente quando a figura do cavaleiro passou através das sólidas pedras da parede. O Cardeal se revirou e gemeu em sua cama dourada, seus olhos revirando sob as pálpebras enquanto acompanhavam os traços da figura. de uma paisagem de pesadelo. Jean-François rolou pela enorme cama, preso em um sonho onde caía rapidamente. De repente, ofegou e se endireitou bruscamente, com os olhos arregalados. O suor brilhava em sua testa. O pesadelo, ao ser descoberto, fugiu do quarto. Os ombros do Cardeal relaxaram em alívio e ele se deitou de volta na cama, seus olhos se fechando lentamente — para depois se abrirem novamente. O pesadelo não havia terminado, afinal. Ele se sentou, com o coração palpitando. Estranhamente, em seu peito. Ali, no canto da sala, estava a silhueta escura de um cavaleiro de armadura.

"Quem está aí?" François sibilou, com terror na garganta. A sombra entrou no...
A luz do luar entrando pela janela aberta.

"Jacques", disse François, com a voz embargada. "É você, Jacques?" Ele levou as mãos ao rosto em espanto.

"Sou eu, Jean-François. Tudo correu bem?" O cavaleiro parecia ter um sorriso travesso.

"Sim, eu orei! Rezei por você. Como você está? E o René?"

"René prega, como sempre fez. Ele entendeu que era melhor eu não ir visitá-lo — ele entendeu isso." pode te deixar angustiado."

"Oh, não", mentiu François. "De jeito nenhum! Você precisa dizer a ele para vir. Diga a ele, Jacques."

"Vim para lhe avisar de uma coisa terrível, François", sussurrou o cavaleiro apressadamente.

"A França cairá nas mãos de Eduardo da Inglaterra em apenas vinte anos. Eduardo conquistará o apoio de muitos lordes franceses. Ele virá do oeste e do norte e ganhará o coração da Borgonha. Ele dividirá a França."

Bastante confuso, o Cardeal respondeu: "Mesmo que a maioria dos lordes da França se aliasse a Eduardo, como ele poderia vencer? Ele não tem um exército capaz!"

"Ele o fará", disse o cavaleiro com firmeza. "Ele selou um pacto com o Diabo. É o próprio Diabo quem revela a Edward os segredos da guerra! Edward tomará nossa pátria, Jean-François, a menos que você o impeça antes de sua campanha — a menos que você o impeça agora."

A mente de François dava voltas. "Isso é loucura! Não consigo impedir essas coisas. Se eu falar com Ele..."

"Santidade disto, ele vai me enlouquecer", disse ele com razão. "Vocês dois, você e René, não podem impedir que isso aconteça?"

"Só você pode impedir que isso aconteça, François."

"Não posso contrariar a vontade de um Rei, Jacques. Nem posso dar ordens ao Diabo. Sou apenas um servo de—"

"Escute-me, François." A figura sombria, indignada, aproximou-se. "O Conselho dos Apócrifos; você o conhece?"

O Cardeal enrijeceu um pouco. Relutantemente, confessou: "Sim, eu sei — mas apenas fragmentos dessa verdade. E daí?"

"Eles escondem segredos, uma arma capaz de destruir o Rei da Inglaterra. Você deve assumir o controle dessa arma, François. Você deve usá-la contra ele. No entanto, antes de tudo, você é preciso aprender sobre seu uso correto. Tal conhecimento reside nos arquivos dos Apócrifos, naquilo que alguns chamam de *Traduções de Naramsin*. Nestas páginas, você aprenderá sobre o projeto e o funcionamento desta arma."

"E como é que eu vou pôr as mãos nessas coisas?", perguntou François, incrédulo. "O arquivo é bem guardado. E eles usam palavras-chave para obter acesso. Eu não conheço essas palavras, Jacques! Os arquivos são só para o Conselho."

"O Diabo sussurrará este segredo no ouvido de Edward, e Edward buscará os Pergaminhos de Naramsin. Com eles, seu poder se tornará maior até mesmo que o da Santa Sé." Ele tomará toda a França se você não der ouvidos às minhas palavras. François, você deve prosseguir com este ato. Se não for pela França e pela Igreja, então por seus irmãos: que tenhamos caído com causa e honra. Até os anjos caíram para que a Vontade de Deus fosse feita. Se outros devem cair para que mais possam viver, é da Sua Vontade.

François lembrou seu pesadelo. "Outros? Quem mais deve cair?"

"Até Cristo caiu para que outros pudessem viver. Preciso ir, François." O cavaleiro se afastou. "Só mais um instante!" exclamou François.

O cavaleiro se virou e deu um sorriso. "Você é *François de France*. Pelo amor de Deus, salve a França. Salve a todos nós." Ele se virou e desapareceu através da parede.

"Espere! Não! Jacques! Jacques!" François saltou da cama num pulo, perseguindo a figura fugaz. Ele correu pelos aposentos do seu apartamento e escancarou a porta, tropeçando no corredor.

"Jacques!" No entanto, os longos corredores estavam vazios.

O rosto do irmão já havia atravessado o corredor, ultrapassado a parede oposta e entrado na sala de visitas de um padre. Ele caiu de joelhos. "Jacques! Volte!", soluçou. As portas rangeram ao abrir, e os hóspedes, com os olhos pesados de sono, espiaram para fora.

Um padre adormecido se mexeu ao ouvir o grito vindo de fora de seus aposentos, mas seus olhos não se abriram.

A lamparina de óleo ao lado da cama iluminava o livro das escrituras que jazia com a face para baixo sobre o peito do homem, suas mãos entrelaçadas sobre ele. O cavaleiro estava aos pés da cama, olhando fixamente para o homem adormecido. Lentamente, as placas da armadura do cavaleiro começaram a se fundir e mudar, misturando-se à pele reluzente de uma mulher exuberante, sua carne pálida como a morte. Seus olhos, unhas e cabelos selvagens que chegavam à cintura eram completamente negros como ébano. Ela era a personificação da pura e desavergonhada Eva; ela era a fonte da qual todas as mulheres caíram — e da qual todos os homens também falharam. Ela era Lucifael. Ela parou sobre o sacerdote, sorrindo. As vozes de muitas mulheres saíram de sua boca pálida. "É um desperdício para um homem estar sozinho — especialmente, não sob mim. Mas isso acontecerá em breve."

O padre fez uma careta, gemendo em seus sonhos, e rolou para o lado. As escrituras abertas caíram no chão e o salto descalço dela as pisoteou quando ela atravessou a parede externa do castelo, deixando apenas um fantasma de riso profano para perturbar o santo homem em seu sonho.

E o riso de Lucifael era bem merecido — menos de um mês se passou antes que a semente maligna criasse raízes.

Castelo de Mallow ~ Cidade de Avignon ~ Maio de 1347

Ao contrário do Château Rouge, que pertencia ao Colégio Cardinalício, o Château Mallow, em Avignon, pertencia ao Conselho dos Apócrifos e era a residência dos cardeais Basiliste e Lean. Como Lean estava na Inglaterra em missão papal, o cardeal mais velho estava sozinho no Château Mallow. Em seu apartamento, Basiliste dormia profundamente. Sobre sua escrivaninha, Uma lamparina de óleo quase apagada lutava para produzir uma chama, projetando sombras trêmulas sobre uma pena e um tinteiro próximos, bem como sobre uma carta composta, que continha as seguintes palavras:

Meu Querido Cardeal Lean ~

Perdoe minha falta de coragem, mas o medo mais terrível se instalou.

Minha alma. Agora estou convencido de que a morte do Cardeal Xavier não foi por acaso e que forças obscuras se movem contra nós. Elas buscam acesso àquilo que guardamos. Imploro que retorne a Avignon imediatamente.

E juntos, insistiremos em uma audiência com Sua Santidade, o Papa Clemente. Ele precisa ser alertado sobre os perigos. Apresse -se, meu amigo. Começo a temer por minha própria segurança.

Atenciosamente, a serviço de Sua Santidade ~ Cardeal Basilista

Uma brisa forte apagou a chama quando a janela traseira se abriu lentamente, revelando uma silhueta em movimento. Um guarda desonesto invadiu o quarto do Basilista e montou em seu peito, tapando-lhe a boca com a mão. Em seguida, sacou um punhal e sussurrou as perguntas que lhe haviam ordenado fazer. O Basilista lutou, mas era fraco demais para o forte soldado. Em um Com um sussurro sinistro, o intruso o advertiu para não gritar, o aço frio em seu pescoço tornando a ameaça evidente. O soldado retirou a mão e aguardou respostas.

Em desafio, Basiliste encarou o rosto silhuetado, sem dizer nada. A faca deslizou lentamente em direção ao olho esquerdo do Cardeal, deixando um sulco raso de sangue. Basiliste rangeu os dentes. Ele mordeu os dentes e não emitiu nenhum som. A mão fechou-se novamente sobre sua boca, pressionando sua cabeça contra o travesseiro. Com seu peso sustentando o peito do Basilista, o guarda cravou a adaga na carne sensível abaixo do olho. O Basilista gritou pelo nariz quando a faca raspou as paredes de sua órbita ocular. O guarda jogou o olho no chão. Quando O velho já não demonstrava mais tanta resistência; o soldado informou-lhe que ainda lhe restava um olho para negociar.

Basiliste começou a falar imediatamente, contando tudo o que sabia. Quando terminou, o guarda exigiu que ele repetisse as palavras-código da passagem para garantir que estivessem corretas. Soluçando, ele jurou que havia dito a verdade — mesmo assim, a faca deslizou para dentro do olho direito do Cardeal. Novamente, Basiliste gritou contra a mão fria. Novamente, pediram que ele repetisse. As palavras. Ele engasgou e gaguejou — as palavras eram as mesmas. Convencido de que havia extraído a informação para a qual fora contratado, o guarda se moveu sobre o peito do Basilista, expulsando o ar de seus pulmões. E depois que o Cardeal se calou, o assassino deslizou pela janela e desapareceu na quietude da noite.

Algum tempo depois, ele encontrou seu patrono no local secreto, combinado após o macabro acontecimento. Uma bolsa de couro trocou de mãos, e o assassino contratado saiu pelo portão oeste de Avignon e atravessou a ponte sobre o rio Ródano. Contudo, antes mesmo de percorrer um quilômetro, um ladrão experiente e à espreita, armado com uma espada larga, lhe roubou a cabeça — e a bolsa. As evidências de um assassinato vil desapareceram no interior da França. E seu perpetrador, o Cardeal Jean- François Blasi, agora detinha a chave para os segredos do Conselho dos Apócrifos e, conseqüentemente, para os dois mosteiros rigorosamente guardados: *Gardiens* e *Cancello*.

[Fim do Capítulo 2]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~